

MICROSCÓPIO

Pode bem ser que, acoimando de cínica a política tendente a entregar o mundo às quatro grandes potências vencedoras, sob o pretexto de estabelecer a paz internacional, tenha o sr. Dewey obedecido unicamente aos interesses da campanha eleitoral. E também pode ser que, negando tenham jamais pensado em tal os quatro principais governos aliados, haja o sr. Cordell Hull afirmado uma pura verdade. Mas fato inegável é ser semelhante solução abertamente preconizada, nos Estados Unidos, por vários políticos e publicistas de reconhecida autoridade.

Basta, pois, esta circunstância para justificar uma prudente desconfiança em relação às verdadeiras intenções dos que, desde já, podemos considerar vencedores no tremendo embate mundial.

A questão da paz não tem duas, porque tem uma única solução possível: a solução democrática. Sómente pode conseguir-se duradouramente o alto objetivo, mediante o consenso e a colaboração da grande maioria, senão da totalidade das nações. Pensar em impor a paz simplesmente pela força de poucos, por mais considerável que esta seja, é recair no mesmo erro de Hitler e Hiroito, é pretender estabelecer uma ordem novíssima, que não diferirá fundamentalmente da nova ordem totalitária. Idêntico em ambos os casos é o seu apregoado objetivo — a paz e a prosperidade gerais; idêntico os seus processos — a decisão dos mais fortes.

Seria realmente uma coisa tristemente irrisória que, após cinco anos de tremendos sacrifícios, se viesse a ter, no campo internacional, formalmente a mesma solução que Hitler oferecia por muito menor preço: simplesmente o temor e a submissão dos mais fracos. Por isto, qualquer que seja o móvel recôndito do sr. Dewey, não se poderá deixar de apreciar o seu brado de alarme.